

## **Seminário Internacional *Europa das Tradições***

Encerramento com a assinatura de Constituição da Europa Traditionae Consortium – Agrupamento Europeu de Interesse Económico (AEIE - EEIG)

**Dr. Augusto Mateus**  
**Ministro da Economia**

Senhores representantes do Consórcio Europa das Tradições, Senhor representante da Comissão Europeia, Senhora Deputada Helena Torres Marques, Senhor Presidente da CCRN, caros colegas do governo, minhas senhoras e meus senhores. A cerimónia vai longa e eu vou tentar ser um ministro pouco convencional, não vos vou falar em detalhe da política da nossa política do turismo, não vou falar em números, vou vos apenas dizer porque é que vim aqui agradecer esta iniciativa. Normalmente, os ministros não agradecem iniciativas que ajudam às suas políticas, a minha presença hoje aqui visa fundamentalmente mostrar porque é que aquilo que hoje aqui acontece é importante e porque é importante no quadro da política deste governo.

Eu tenho insistido que Portugal tem um enorme desafio no terreno da inovação e da competitividade e muitas vezes isso é mal entendido, nomeadamente pode haver quem entenda que isso representaria um ministro virado apenas para o futuro, descurando aquilo que são os valores que são aquilo que no fundo nos pode dar confiança em relação a esse futuro. Basicamente tenho insistido que, com base na minha própria experiência, tudo aquilo que tem verdadeiro valor, não tem preço e no momento em que tem preço deixa de ter valor. A maior parte das empresas que tem sucesso, só tem sucesso com base numa coisa muito simples, que é quando conseguem vender aquilo que não compraram e aquilo que não compram é a sua inteligência a sua capacidade de organização, a sua capacidade de inovar, a sua capacidade de acrescentar riqueza. E portanto, Portugal tem que perceber, e está a perceber, que o futuro é um futuro feito com base neste tipo de iniciativas, com base nas iniciativas que conseguem de forma inteligente criar uma ponte entre o passado, aquilo que no nosso passado tem valor e aquilo que são os desafios do futuro. Os desafios não se constróem apenas pelo prolongamento do passado e é isso que eu gostava de agradecer nesta iniciativa, é que ela não é um simples prolongamento do

passado, ela é exactamente uma ponte entre aquilo que são as tradições, aquilo que são os valores.

Esta iniciativa tem, portanto, um valor inestimável do ponto de vista da sua exemplaridade no que há a fazer em Portugal. Tem por outro lado uma exemplaridade que eu gostaria de salientar, e que tem a haver com a queixa que a deputada Helena Torres Marques aqui deixou sobre os nulos resultados da cimeira de Amsterdão, em matéria de um enquadramento mais favorável para o turismo na revisão do tratado de Maastricht.

Uma das coisas que também costumo usar para dizer porque é que este governo tem uma política tão ousada em matéria de aceitar a globalização, também nos interrogam muitas vezes porque é que Portugal tem hoje uma política de aceitar a globalização e falar das oportunidades de globalização em vez de concentrar o seu tempo na contabilidade dos custos, basicamente porque os custos não mudam. Pelo facto de os contabilizarmos variadíssimas vezes, os custos só podem ser ultrapassados se trabalharmos as oportunidades e fizermos vingar nas oportunidades aquilo que é a compensação destes custos. Mas basicamente podemos apostar na globalização, porque temos, por exemplo, mais de 8 séculos de história, porque temos uma fortíssima identidade nacional, e talvez o exemplo da nossa identidade nacional possa resolver o problema da modéstia da cimeira de Amsterdão. Durante algumas décadas não tivemos a nossa independência, mas recuperámos essa independência, ou seja as coisas não se fazem de um dia para o outro, não se fazem de um só golpe ou de um só passo.

Esta iniciativa demorou cerca de 2 anos a chegar aqui. Normalmente, durante o seu percurso, o meu amigo Conde de Calheiros, devem lhe ter perguntado se não estará atrasada a iniciativa, não estar já pronta. É isso que acontece a quem cria realidades, há sempre uma pressão sobre os atrasos. As coisas fazem-se com determinação, fazem-se com valores e convicções e esses é que se perdem e nos conduzem a derrotas, senão se perdem conduzem a vitória e, obviamente, que a Europa está condenada a valorizar o turismo de outra maneira, está condenada a encontrar no turismo uma actividade fundamental que liga tudo aquilo que tem valor e sobretudo está condenada a identificar uma coisa muito interessante, que é, se reflectir sobre aquilo que é a sua situação, a actividade mais competitiva da Europa é

o turismo, a actividade em que a Europa tem a maior parte do mercado à escala mundial é o turismo.

Portanto, obviamente que chegaremos a um bom senso, que é perceber que, sem prejuízo nas iniciativas que estamos a fazer na electrónica, onde estamos bastante atrás dos nossos concorrentes, sem prejuízo das iniciativas que estamos a fazer na siderurgia, havemos de conseguir fazer do turismo uma actividade transversal, uma actividade que nos ensinará que turismo não é, basicamente, a construção de novos equipamentos e que turismo também não é, basicamente, promoção e publicidade. Turismo é construção, como aqui foi dito por todos, de produtos diversificados, completos, integrados e com valor, que tem que ver com lazer, que tem que ver com cultura, património e basicamente esse é, em todas as actividades, o grande recurso.

As palavras que eu gostava de deixar, eram palavras de grande apreço por esta iniciativa, palavras de agradecimento porque, no que diz respeito a Portugal, e no que diz respeito à Europa, esta é uma experiência exemplar. A Europa constroi-se de cima para baixo, com cimeiras como a de Amsterdão, mas constroi-se também de baixo para cima, ou seja, constroi-se na base das iniciativas dos cidadãos, das empresas, das associações, constroi-se nessa dinâmica, que é uma dinâmica que tem ser necessariamente uma dinâmica de tolerância, de respeito pela diversidade, de afirmação da Europa das Nações, da Europa das regiões, da Europa dos cidadãos, das cidades, dos meios rurais, de tudo aquilo que faz a vida moderna, e que faz a articulação dessa vida moderna com aquilo que a justifica.

No essencial é essa a mensagem que eu aqui gostaria de deixar e talvez que fique uma melhor compreensão para aquilo que são as responsabilidades dos Ministros da Economia, que normalmente são olhados como homens e mulheres com uma grande preocupação por números, uma grande preocupação por coisas que normalmente se tende opor às pessoas e aos seus valores. Eu como Ministro da Economia tenho a mesma preocupação pelos números, e dou-vos um pequeno exemplo, e economia portuguesa cresceu no ano passado cerca de 3,1%, durante muito tempo houve que dissesse que não passaria de 2%, 2,1% ou 2,2%, esses pequenos pontos percentuais, significaram que os empregos que se perderam foram mais do que compensados em cerca de 60 mil. 0,1 % de crescimento na nossa economia significa criar cerca de 5 mil empregos. Os números tem esta importância, não devemos fixar neles de forma em que eles não tenham rosto humano e dimensão humana, e é esse tipo de números

que está presente nesta iniciativa na medida em que ela, mesmo olhada por esse prisma, é uma iniciativa com dimensão, é uma iniciativa com marca.

Portanto era esta nota que eu gostava de deixar, fundamentalmente o meu prazer em estar aqui hoje, em me associar a esta iniciativa, e em sinceramente trazer a relevância de estar aqui o Ministro da Economia e de dar dessa maneira um sinal de importância desta iniciativa, mas fundamentalmente chamar aqui um agradecimento aos heróis do dia que são aqueles que construíram aquilo que hoje aqui foi formalizado e desejar-lhes as maiores felicidades e que o seu exemplo fortifique em Portugal e na Europa. Obrigado.